

INTERFACE PORTUGUÊS-ESPAANHOL NA CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO DE ENUNCIÇÃO FRONTEIRIÇO: ASPECTOS SEMÂNTICO-SINTÁTICOS NAS PRODUÇÕES ESCRITAS DE ESTUDANTES DE PLE

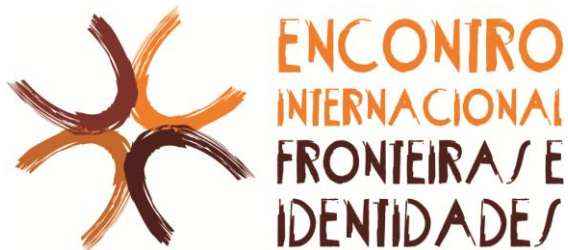
Grazielle da Silva dos Santos¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo destacar questões linguísticas decorrentes da interface Português-Espanhol a partir das experiências de ensino-aprendizagem nos cursos de Português Língua Estrangeira do Projeto Entrelínguas/UFSM. Neste sentido, observaram-se as produções dos alunos intercambistas – escritas e orais –, buscando analisar o funcionamento enunciativo no plano da organização dos enunciados produzidos por estes estudantes. A partir das produções escritas, tomaram-se para análise as construções de enunciados com a presença de estruturas sintáticas do Espanhol sobre as do Português, neste caso, as relativas às concordâncias em primeira pessoa do plural (nós), na constituição dos sentidos dessas línguas. Considerou-se o funcionamento semântico-sintático dos recortes, a partir da categoria do “espaço de enunciação” (GUIMARÃES, 2005). Vale ressaltar que este estudo está em andamento- pois se trata de uma dissertação de Mestrado em desenvolvimento – e, por esse motivo, o que aqui se apresenta é uma amostra da análise. Em relação ao enunciado “todos os intercambistas assistiremos ao filme”, os resultados parciais mostram que a língua que constitui esse sujeito aprendiz de Português se presentifica na sua enunciação, constituindo-se um “espaço de enunciação fronteiroço” (STURZA, 2006), sendo que os diferentes efeitos de sentido se devem aos distintos arranjos sintáticos construídos nas enunciações desses sujeitos.

Introdução

A cada semestre, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) recebe alunos intercambistas, advindos de vários países latinoamericanos, por meio de convênios como: AUGM, BRAMEX, UTALCA, etc. Buscando atender às necessidades desses alunos é que se criou, no Laboratório Entrelínguas – vinculado ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas do Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) –, o curso de Português Língua Estrangeira. As aulas são ministradas por alunos do curso de Letras da UFSM, com a orientação e acompanhamento dos professores pesquisadores, e têm o objetivo de inserir esse estudante no novo contexto social através de uma prática de ensino de língua portuguesa voltada para a interculturalidade, pois como afirma Serrani (2005) o professor deve ser capacitado para não conceber a língua como mero instrumento a ser

¹ Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestranda em Letras, graziesp@hotmail.com.



dominado pelo aluno, mas deve considerar, em sua prática, os processos de produção-compreensão do discurso, relacionados diretamente à identidade sócio-cultural.

De acordo com o amadurecimento das experiências de ensino-aprendizagem nos cursos de PLE do Entrelínguas, ao longo desse tempo, muitos fenômenos linguísticos, na interface das línguas, me chamaram a atenção. E, neste sentido, percebemos que pesquisas voltadas às produções dos alunos – escritas e orais – poderiam possibilitar a potencialização do processo de ensino-aprendizagem.

Por esta razão, o presente estudo objetiva analisar o funcionamento enunciativo no plano da organização dos enunciados produzidos pelos alunos intercambistas dos cursos de Português para Estrangeiros oferecidos pelo Entrelínguas, buscando analisar os efeitos de sentido produzidos pelos arranjos sintáticos provenientes das produções escritas desses aprendizes. Em específico, objetiva-se analisar os efeitos de construções peculiares, do ponto de vista do falante de Português, relativas às concordâncias em primeira pessoa do plural, na constituição dos sentidos das línguas – Português e Espanhol -, lançando um olhar voltado ao funcionamento semântico-sintático dos recortes enunciativos.

Assim sendo, algumas noções tornam-se muito caras a este estudo. No que concerne às concepções de **língua** e **enunciação**, parte-se dos pressupostos teóricos de Benveniste. Alicerçando sua teoria em conceitos estruturalistas (Saussure), ele reelabora os estudos da língua introduzindo em sua abordagem o **sentido**. Dessa forma, a este linguista vai interessar a língua em seu uso, tomando, então, o **discurso** como seu objeto de estudo. Nessa perspectiva, considera que

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de “ego” [...] A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. (BENVENISTE, 1991a, p. 286)

Benveniste concebe o *discurso* como a “manifestação da enunciação” (1991b, p. 82) e esta, por sua vez, como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (1991b, p. 82). Com isso, é possível constatar que o **sentido** só pode ser atribuído a partir das relações que são estabelecidas com o *outro* e com o *mundo* por meio da linguagem.

Guimarães vai além, pois considera que

Os falantes não são os indivíduos, as pessoas que falam esta ou aquela língua. Os falantes são estas pessoas enquanto determinadas pelas línguas que falam. Neste sentido falantes não são as pessoas



na atividade físico-fisiológica, ou psíquica, de falar. São sujeitos da língua enquanto constituídos por este espaço de línguas e falantes que chamo espaço de enunciação. (GUIMARÃES, 2005, p. 18)

Assim, a **enunciação** é entendida por este autor como um acontecimento no qual sujeito – compreendido em sua natureza polifônica – e língua se relacionam. Os **sujeitos** são determinados não pela linguagem, mas pelo **espaço de enunciação**. Por esse motivo é que Guimarães considera o falante não “uma figura empírica, mas uma figura política constituída pelos espaços de enunciação” (GUIMARÃES, 2003, p. 55).

Guimarães define os **espaços de enunciação** como

Espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços “habitados” por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer [...] (GUIMARÃES, 2005, p. 18)

Ou seja, os espaços de enunciação são instituídos pelos modos de funcionamento das línguas. Com isso, o espaço de enunciação não é entendido como um espaço físico. Constitui-se no dizer, sendo, assim, configurado pela distribuição das línguas pelo falante.

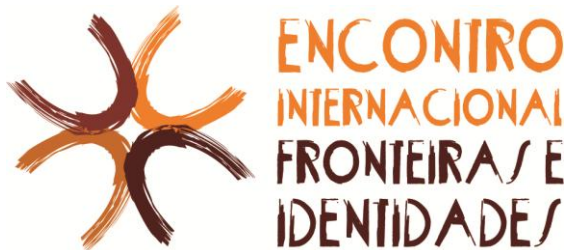
Sendo assim, consideramos o conceito de **espaço de enunciação** fundamental ao desenvolvimento de nosso estudo, pois entendemos que as sequências enunciativas que iremos analisar revelam os modos de funcionamento das línguas, instituindo, assim, espaços de disputa das línguas – Português e Espanhol – pelas quais os sujeitos aprendizes estão afetados e às quais estão expostos.

Antes de dar sequência ao trabalho, vale ressaltar que este artigo busca apresentar os resultados parciais da dissertação de Mestrado que a presente autora está desenvolvendo.

Descrição das línguas: relações de concordância em pessoa

Antes de partir para a análise, faz-se necessário construir um quadro descritivo da sintaxe das línguas em questão – Espanhol e Português, interessando, especialmente, a **concordância em pessoa do sujeito e do verbo**, pois entendemos a sintaxe como reveladora da subjetividade e, por consequência, de sentidos.

Para o desenvolvimento da análise, consultaram-se dois aparatos gramaticais – a “Gramática Didáctica del Español”, de Leonardo Gómez Torrego, e a “Moderna Gramática Portuguesa”, de Evanildo Bechara –, a fim de elucidar as estruturações das referidas línguas



quanto ao tipo de concordância em questão. Vale ressaltar que a escolha dessas duas gramáticas levou em conta o tratamento normativo das línguas, auxiliando na compreensão de como o sujeito se relaciona com elas se relaciona.

Primeiramente, há de se verificar, nas referidas gramáticas, em que medida as línguas se assemelham, ou não, em suas estruturas sintáticas.

Segundo Gómez Torrego,

En toda oración hay dos componentes fundamentales. Son las funciones de **sujeto** y **predicado**. Ambos están en el mismo nivel sintáctico y dependen el uno del otro. La relación entre ellos es, pues, de **interdependencia**: el sujeto es lo que es porque hay un predicado, y el predicado se justifica porque hay un sujeto, aunque este, en ocasiones, puede ser cero o estar oculto. [...] Otros gramáticos, sin embargo, piensan que el componente esencial de la oración es el verbo, y que el sujeto es un adyacente de ese verbo, en el mismo nivel que el complemento directo, el complemento indirecto, el complemento de régimen.² (GÓMEZ TORREGO, 2005, p. 262, grifos do autor)

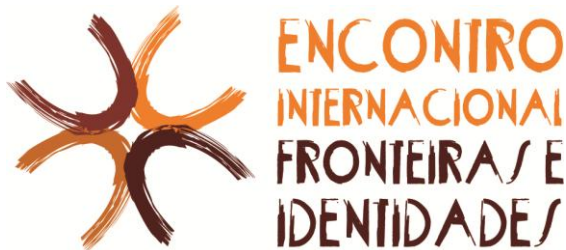
De acordo com Bechara,

A oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o *verbo* (ou sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a *relação predicativa* – o *sujeito* e o *predicado*. (BECHARA, 2006, p. 408, grifos do autor)

Pelos excertos acima, observa-se que, apesar dos dois gramáticos divergirem em seus posicionamentos em relação aos componentes fundamentais da oração, é inegável que o sujeito e o predicado estabelecem a relação mais significativa dentro de uma composição oracional. E ainda mais importante que isso: revelam que a estrutura sujeito-predicado é realizada tanto em Espanhol como em Português, evidenciando uma semelhança na base sintática dessas línguas.

Com isso, é necessário compreender como se dá a **concordância** nessa relação do sujeito com o predicado, mais especificamente do **sujeito** com o **verbo** do predicado. De acordo com Gómez Torrego, “el sujeto de una oración es todo elemento (sustantivo, pronombre, grupo nominal, oración) que concuerda con el verbo del predicado en número y

² “Em toda oração há dois componentes fundamentais. São as funções de sujeito y predicado. Ambos estão no mesmo nível sintáctico e dependem um do outro. A relação entre eles é, assim, de interdependência: o sujeito é o que é porque há um predicado, e o predicado justifica-se porque há um sujeito, ainda que este, em certas situações, possa ser zero ou estar oculto. [...] Outros gramáticos, no entanto, pensam que o componente essencial da oração é o verbo, e que o sujeito é um adjacente desse verbo, no mesmo nível que o complemento direto, o complemento indireto, o complemento de regime”. (GÓMEZ TORREGO, 2005, p 262, tradução nossa)



ENCONTRO
INTERNACIONAL
FRONTEIRAS E
IDENTIDADES

persona”³ (2005, p. 262). Tal posicionamento é corroborado por Bechara: “diz-se *concordância verbal* a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o *predicativo*) e o verbo da oração” (2006, p. 543, grifos do autor).

Nesse sentido, os autores estabelecem algumas categorias, a fim de esclarecer os tipos de relações que podem existir entre o sujeito e o verbo.

Gómez Torrego (2005, p. 266-267) apresenta três grandes seções: “Cuestiones de concordancia del sujeto”; “Aparentes discordancias del sujeto”; “El sujeto compuesto: la concordancia”. Na primeira seção, o autor apresenta três tipos de concordância: “Concordancia en singular o en plural”; “Con colectivo sin complemento: mejor en singular”; “Sustantivos gramaticalizados: concordancia con el sustantivo introducido por *de*”. Na segunda, ele traz dois tipos: “Concordancia con el referente”; “Concordancia *ad sensum* con atributos plurales”. E, na última seção, o autor apresenta quatro tipos de concordância: “Dos o más componentes coordinados: verbo en plural”; “Elementos coordinados con verbo en singular”; “Coordinados con *ni*: en singular o plural”; “Coordinados de personas gramaticales diferentes”.

Bechara (2006, p. 554-566) também organiza três grupos: “Concordância de palavra para palavra” – subdividido em dois principais casos: “Há um só sujeito”; “Há mais de um sujeito” (e este caso, por sua vez, ainda é dividido em cinco observações) –; “Concordância de palavra para sentido”; “Outros casos de concordância verbal” (dividido em vinte e dois casos).

Comparando as tipologias de concordância entre sujeito e verbo estabelecidas nas duas gramáticas consultadas, é possível observar que a formulação a ser analisada não é aceita pela norma do Português Brasileiro, mas o é pela norma do Espanhol, como pode ser conferido na explicação do primeiro tipo de concordância – “Concordancia con el referente” –, apresentado na segunda seção supracitada mais acima:

Hay oraciones de uso frecuente en que parece haber una discordancia entre el sujeto y el verbo del predicado. Ejemplo: *Los españoles sois muy simpáticos* (discordancia entre el sujeto de 3ª persona y el verbo de 2ª persona del plural). Este fenómeno se explica porque la concordancia se establece no con el grupo nominal (*los españoles*) sino con su referencia (*vosotros*)⁴. (GÓMEZ TORREGO, 2005, p. 266, grifos do autor)

³ “O sujeito de uma oração é todo elemento (substantivo, pronome, grupo nominal, oração) que concorda com o verbo do predicado em número e pessoa”. (GÓMEZ TORREGO, 2005, p. 262, tradução nossa)

⁴ “Há orações de uso frequente nas quais parece haver uma discordância entre o sujeito e o verbo do predicado. Exemplos: *Los españoles sois muy simpáticos* (discordância entre o sujeito de 3ª pessoa e o verbo de



A construção do caminho analítico: do observável ao interpretativo

Para a amostra da análise, tomou-se como corpus as seguinte sequências enunciativas, produzidas por dois (2) alunos do curso de PLE, do Projeto Entrelínguas:

SE 1: Todos os intercambistas assistiremos ao filme.

SE 6: “Sábado, desperto tarde, vou a almoçar, depois leio algum livro e, à noite, de novo nos reunimos com os colegas”

A seleção de tais sequências enunciativas reflete a frequente recorrência dos referidos arranjos sintáticos nas produções dos estudantes de PLE do Entrelínguas. Além disso, ressaltamos que os enunciados escolhidos para a amostra da análise descritiva correspondem à classificação que organizamos na contextualização do recorte do nosso corpus, na seção 3.3, do terceiro capítulo deste estudo.

Plano da forma: o lugar do observável

De acordo com a descrição das línguas realizada na seção anterior, foi possível verificar que, em relação à regra geral, as estruturas sintáticas não diferem de uma língua para a outra. Porém, no caso do Espanhol, identificou-se uma possibilidade de concordância que, na norma do Português Brasileiro, não existe, ou seja, a **concordância com o referente**. Constatou-se que o verbo, tanto em Espanhol como no Português Brasileiro, concorda com o sujeito em número e pessoa. Sendo assim, e não perdendo de vista que o processo analítico se dá na direção do contexto de aprendizagem do PLE, o que se tem na referida formulação é, num primeiro momento, uma discordância entre os sintagmas (nominal e verbal):

2ª pessoa do plural). Este fenômeno se explica porque a concordância se estabelece não com o grupo nominal (*los españoles*), mas sim com sua referência (*vosotros*)”. (GÓMEZ TORREGO, 2005, p. 266, tradução nossa)



Todos os intercambistas = eles (3ª pessoa do plural) } *Todos os intercambistas*
assistiremos = nós (1ª pessoa do plural) } *assistiremos ao filme.*

Isto é, do ponto de vista do plano linguístico, é perfeitamente admissível afirmar que a formulação está totalmente incorreta, pois foge à norma gramatical do Português Brasileiro, sendo esse o provável motivo pelo qual um falante do PB receba o enunciado com certo estranhamento, pois, de acordo com as normas, se esperaria as seguintes concordâncias:

Todos os intercambistas = eles (3ª pessoa do plural) } *Todos os*
assistirão = eles (3ª pessoa do plural) } *intercambistas*
} *assistirão ao filme.*

Ou ainda:

Todos nós, intercambistas = nós (1ª pessoa do plural) } *Todos nós,*
assistiremos = nós (1ª pessoa do plural) } *intercambistas,*
} *assistiremos*
} *ao filme.*

Com isso, é possível afirmar que ocorreu um “erro” por parte do aluno, constatação que estaria no plano das formas da língua (BENVENISTE, 1991), pois somente essa instância permite apontar a discordância, conforme foi mostrado. Isso subsidiaria avaliações partindo de concepções da língua como sendo homogênea, pois é essa crença que permite concluir que ocorreu uma simples interferência da língua materna na enunciação do sujeito aprendiz em Português (língua da aprendizagem).

Em relação à **SE 6**, desde o ponto de vista das normas, a análise nos conduz a considerar dois níveis dentro da mesma composição oracional:

1) há um “eu”, com o qual o verbo concorda:

SE 6: “Sábado, desperto tarde, vou a almoçar, depois leio algum livro...”



2) há um “eu” que se inclui, pelo verbo, em uma coletividade redundante:

SE 6: “...e, à noite, de novo nos reunimos com os colegas”

Ou seja, a discordância pode ser verificada em dois momentos:

- na relação do primeiro com o segundo nível, pois há um “eu” que se torna um “nós”.
- na relação interna do segundo nível, pois há um “eu” + os outros (os colegas), expresso no verbo (“reunimos”), + os outros (“os colegas”).

A concordância esperada seria a seguinte:

“Sábado, desperto tarde, vou a almoçar, depois leio algum livro e, à noite, de novo **me reúno com os colegas**”

Ou ainda:

“Sábado, desperto tarde, vou a almoçar, depois leio algum livro e, à noite, de novo **os colegas e eu nos reunimos**”

Percebe-se, pelos testes de aceitabilidade, que a discordância passa por uma necessidade de explicitação da inclusão do “eu” na coletividade (“os colegas”), pois sem isso o verbo “reunimos” poderia estar representando outro coletivo, que não “os colegas”.

Considerações Finais

De acordo com nosso posicionamento, acreditamos em uma análise que vá além do linguístico. Interessa-nos interpretar os sentidos desses arranjos para os aprendizes, pois, ao enunciar, os sujeitos se (re)significam. Por isso, nossa análise não se encerra aqui. O que apresentamos é somente uma amostra da análise descritiva, tendo em vista que o presente



artigo objetiva mostrar os primeiros resultados da dissertação de Mestrado da autora, trabalho que segue em andamento.

Sendo assim, até o presente momento, os resultados mostraram que, em relação à regra geral, as ordens sintáticas não diferem de uma língua para a outra. Porém, no caso do Espanhol, identificou-se uma possibilidade de concordância que, na norma do PB, não existe, ou seja, a concordância do verbo em 1ª pessoa do plural com o sujeito em 3ª pessoa do plural.

Concluiu-se que, no plano das formas das línguas, tais formulações são consideradas um simples cruzamento das línguas, configurando, desse modo, um “erro” por parte do sujeito aprendente. Já, no plano enunciativo, percebe-se o sujeito sendo significado pelas línguas. Ao enunciar, o sujeito aprendente involuntariamente, traz para funcionar elementos de sua língua materna; especula-se que esse sujeito esteja revelando-se como um “enunciador fronteiro” (STURZA, 2006) determinado por um “espaço de enunciação fronteiro” (STURZA, 2006), o qual vai regular seu dizer. Porém, quanto ao último plano, vale ressaltar que a continuidade do desenvolvimento da análise poderá levar-nos por outros caminhos. Sendo assim, o que aqui apresentamos são somente algumas especulações em relação a tal instância analítica.

Referências Bibliográficas

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. revisada e ampliada. 16ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2006.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. 5 ed. Campinas: Pontes, 1991(a).

_____. **Problemas de Linguística Geral II**. 2 ed. Campinas: Pontes, 1991(b).

GÓMEZ TORREGO, L. **Gramática didáctica del español**. São Paulo: Edições SM, 2005.

GUIMARÃES, E. R. J. **Semântica do Acontecimento**. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. **Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano**. Letras, Santa Maria, n.26, p. 53-62, 2003.

SERRANI, Silvana. **Discurso e Cultura na Aula de Língua: Currículo, Leitura e Escrita**. São Paulo: Pontes, 2005.



STURZA, E. R. **Línguas de Fronteira e Política de Línguas:** uma história das idéias linguísticas. 2006. 169 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.